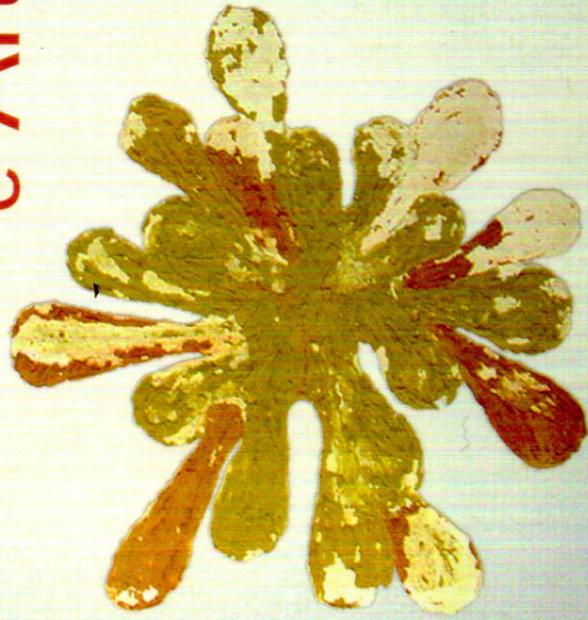


Diálogos em Psicologia Social e Arte



Andréa Vieira Zanella
Kátia Maheirie
(Orgs.)

 EDITORA CRV

Diálogos em Psicologia Social e Arte

“

Nessa coletânea, percorremos 18 textos, 18 rastros de viagens, rastros de vidas que, ao serem sopradas também sopram sobre nós, fazendo-nos alegres com as potências ondulatórias e diferenciadas que as palavras podem conter...

Na viagem-NUPRA sabe-se que é do aprender e não do saber que as condições do pensamento devem ser extraídas. Ali, pode-se vir a reconhecer que o saber nada mais é que o simples resultado que cai na experiência e que o aprender é o processo que une a diferença à diferença, a dessemelhança à dessemelhança, o tempo ao pensamento. Cultiva-se a ideia de que é no aprender que reside o devir-revolucionário e que dele e nele é que a potência de vida da multidão se expande no seu misto de inteligência coletiva, de afetação recíproca, de produção de laço, de capacidade de invenção de novos desejos e novas crenças, de novas associações e novas formas de cooperação.

”

Tânia Mara Galli Fonseca (UFRGS)

 EDITORA CRV



CAPÍTULO 13

DAS IMAGENS DE CRIANÇAS AS CRIANÇAS IMAGINADAS: CONSIDERAÇÕES SOBRE A INFÂNCIA A PARTIR DE IMAGENS DE OBRAS DE ARTE⁶³

*Leila Lira Peters
Andréa Vieira Zanella*

Introdução

O que é arte? Quais as relações entre arte e realidade? Há relações entre uma obra de arte e a vida do artista que a criou? Essas são perguntas complexas que pautam calorosos debates entre pesquisadores, de várias áreas do conhecimento, interessados em compreender as vicissitudes e características dos processos de criação, bem como as relações destes com a temática constituição do sujeito⁶⁴.

Produções humanas, as obras de arte são histórica e socialmente constituídas em um movimento de objetivação e subjetivação que possibilita ao seu artífice, reconhecido como artista, ao mesmo tempo concretizar em imagens sonoras, acústicas e/ou visuais, o modo como significa a realidade e abrir, com sua obra, possibilidades outras de sentidos para as pessoas que com essas obras estabeleçam relações. Assim, ao refletir sobre a realidade objetiva e refleti-la em forma de sons, imagens acústicas e/ou visuais, o artista permite-nos conhecer, ainda que a partir do viés do seu olhar, a realidade humana (SÁNCHEZ VÁSQUEZ, 1978). Ao mesmo tempo, essa realidade é recriada na medida em que é por ele e por muitos outros, leitores de sua obra, ressignificada.

Arte e vida, artista e sua obra, relações complexas que não se esgotam em identificações ligeiras, como bem discutem Vygotski (1999) e Bakhtin (2003). Sendo a atividade artística criadora eminentemente social e histórica, a obra de arte se apresenta como enunciado e, no caso da obra visual, como imagem a clamar por leituras que a atualizem:

[...] com suas linhas, superfícies, perspectivas, manchas, é também a forma de pensar o que a imagem mostra. Os significados das imagens são também os significados de como elas se mostram. E aí as imagens tornam-se signos. Então, também se lê uma imagem. Uma imagem é um texto (Almeida apud SOARES, 2002).

63 Agradecemos à professora Fabíola C. Búrgio Costa, pelas preciosas sugestões; aos artistas, à Fundação Portinari e à Fundação Hassis por cederem gentilmente o uso das imagens de obras aqui expostas e presentes nos seus acervos.

64 Sobre as relações entre processos de criação e constituição do sujeito, ver Maheirie (2003), Pino (2006), Zanella (2006), Zanella et al. (2000, 2005 e 2006).

Como um texto aberto à apreciação e à leitura, a obra de arte se apresenta ao mesmo tempo como obra acabada e obra aberta a inúmeras possibilidades de produção de sentidos, tanto por parte de quem produz arte quanto de quem a lê, no momento da apreciação e da interpretação de suas imagens/sons/texturas. O resultado desse processo de interpretação é a produção de outras imagens (outros textos) pelo expectador, uma vez que a possibilidade do recorte de um ou mais elementos constitutivos de uma imagem se expressa na produção de outra imagem, outro texto e assim sucessivamente (SOUZA, 2001). Essa multiplicidade de significações possíveis é produzida por sujeitos localizados histórica e socialmente que atuam como produtores de cultura e, ao mesmo tempo, produtos culturais, uma vez que todo artista expressa em sua obra sua visão do mundo e, com ela, as características da época em que vive (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 1978).

Nesse sentido, considerando os artistas e suas obras como "porta vozes" de determinadas formas de olhar e significar a realidade, é objetivo deste artigo problematizar a questão da criança e do seu brincar a partir do modo como são apresentadas por alguns artistas plásticos. Suas obras são documentos que registram as infâncias e suas brincadeiras, são enunciados que se apresentam como testemunhos da história e, nessa condição, clamam por leituras que os atualizem e reinventem.

O discurso adulto sobre a infância e os direitos infantis

A produção teórica sobre a infância como categoria social e as crianças como seus principais protagonistas foi e é construída a partir da ótica dos adultos, de como essas eram, são ou deveriam ser. As principais áreas do conhecimento que historicamente investigaram essa temática - como a Pedagogia, a Pediatria e a Psicologia - consagraram-se pelo discurso que produziu dispositivos⁶⁵ em relação a como e ao que as crianças deveriam ser e fazer. Grosso modo, vincularam a idéia de infância à falta, a algo incompleto em decorrência da dependência das crianças em relação aos adultos no que diz respeito à subsistência e à formação. Se, por um lado, esse discurso garantiu a atenção necessária à sobrevivência das crianças e de suas peculiaridades, por outro, destacou a pretensa completude do universo adulto e do "vir-a-ser" prometido ao universo infantil.

Porém, observam-se atualmente controvérsias e debates entre as diferentes perspectivas, imagens e concepções de infância defendidas por diferentes áreas de conhecimento. É reconhecida por várias dessas áreas, como a sociologia que estuda o tema⁶⁶, a complexidade histórica das infâncias e sua inexorável vinculação ao contexto social. Crianças, nessa perspectiva, têm suas características cunhadas no modo como foram e são reconhecidas pelos adultos e pelos outros com os quais se relacionam, o que, por sua vez, constitui a possibilidade destas serem reconhecidas e se afirmarem, sobretudo na atualidade, como sujeitos de direitos.

Destacam-se nessa direção as conquistas legais expressas na Declaração Universal dos Direitos das Crianças (1959) e no texto decorrente da Convenção dos Direitos das Crianças (1989), ambos promulgados e adotados pelas Nações Unidas e considerados na elaboração da Constituição Brasileira (1988). Esta sancionou a Lei n.8069 que dispõe

sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (1991), texto em que estão expressos pela primeira vez, no Brasil, os direitos das crianças, e que acabou por configurar-se em um avanço legal importante.

Ao analisar aspectos históricos, políticos e sociais da construção dos direitos relativos às crianças, Soares (1997) relata que a Convenção dos Direitos das Crianças (1989), ao estabelecer normas internacionais de como as crianças de qualquer classe social e em qualquer contexto devem ser tratadas, incorpora direitos civis, econômicos, sociais e culturais relativos à proteção, provisão e participação. Nela as crianças são reconhecidas na sua singularidade, "com direito ao nome e à nacionalidade, e ainda outros como o direito de brincar e desenvolver-se numa atmosfera de paz e amizade" (Ibid., p. 80).

Além das políticas públicas para a promoção desses espaços, consta na Declaração dos Direitos da Criança (1959) que, para ter uma infância feliz, "A criança deve desfrutar plenamente de jogos e brincadeiras, os quais deverão estar dirigidos para a educação; a sociedade e as autoridades públicas se esforçarão para promover o exercício desse direito" (7º princípio). No Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) este direito também está expresso. "Brincar, praticar esporte e divertir-se" (cap. IV) também são reconhecidos como fazendo parte da formação das crianças e que estas também têm o direito de "ir, vir e estar nos locais públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais" (cap.I).

Toda essa legislação é importante conquista no sentido de se problematizar as condições da infância hoje e de se garantir possibilidades de desenvolvimento integral a todas as crianças, independente de classe social, gênero e etnia. Mas, mesmo que nestas conquistas se busque afirmar as crianças enquanto sujeitos sociais de direitos, a concretização dessas idéias deixa a desejar. Isso porque as crianças, assim como os jovens e adultos, também estão marcadas pelas contradições da sociedade contemporânea e a concretização de seus direitos depende fundamentalmente de investimentos sociais e econômicos por parte dos Estados e das Nações, mais especificamente de políticas públicas voltadas às suas necessidades e direitos. Conhecer as condições históricas da infância é um modo de se instrumentalizar para essa luta em prol de seus direitos, e a iconográfica pode ser importante ferramenta nesse sentido.

Os espaços do brincar na iconografia

Áries (1981), ao analisar como as crianças foram representadas na iconografia da arte na Idade Média e no Renascimento, recorrentemente é referido quando o assunto diz respeito ao nascimento do sentimento moderno de infância. O autor destaca, em suas análises, que as crianças foram reconhecidas de várias maneiras: como adultos em miniatura, como figuras angelicais representadas nos "putti" quatrocentistas⁶⁷, como fonte de papiricação por sua ingenuidade e graça, até a entrada da moral cristã que, com seus princípios, definiu que as crianças precisariam ser educadas para tornarem-se adultos racionais e disciplinados. A partir dessa ótica, o que parece distinguir o sentimento de infância proposto pelo autor são a disciplina, o controle e a preocupação com a saúde e a higiene, surgidas como consciência da particularidade infantil. Para Áries, com a moral cristã as crianças

65 Sobre o conceito de dispositivo, ver Weinmann (2006).

66 Sobre a discussão da sociologia a respeito da infância, ver Sarmento e Pinto (1997); Sarmento (2004).

67 Sobre tese de que a imagem da criança, reproduzida nos "putti" do Renascimento italiano, apareceu como um movimento em favor da infância, ver Piacentini (1995).

poderiam vir a ser dignas de consideração por serem vistas como adultos em potencial, e dotadas de capacidades de desenvolvimento.

Com este enfoque, observamos na figura 1 o quadro de Pieter Bruegel (1527-1569), pintor belga que costumava passar muito tempo entre os camponeses e registrar o modo de vida na época.



Figura 1. Children's Games (1560), Pieter Bruegel

Num primeiro momento, a imagem que se destaca é a de crianças brincando. Mas, se focarmos o olhar, o que se vê parecem ser adultos em tamanho reduzido/miniatura. O que essa imagem expressa?

Que na época – século XVI – as crianças diferiam dos homens apenas no tamanho e na força, enquanto as outras características permaneciam iguais. Mas a pintura não revela somente esse aspecto. Inicialmente não fica claro o que os personagens estão realmente fazendo: Brincando? Trabalhando? Ou ambos? A obra apresenta um modo de vida em que não existia uma divisão como a que se apresenta na atualidade entre as atividades e o mundo das crianças e dos adultos, uma vez que as crianças participavam das tarefas laborais, assim como os adultos dos jogos e brincadeiras, pois ambos eram coletivos e ocorriam frequentemente nas épocas de cultivo e nas festas sazonais. Essas festividades, por sua vez, eram realizadas em espaços públicos, tais como praças e ruas que eram também consideradas como locais de encontro e de convívio coletivo.

A produção iconográfica brasileira que representa crianças brincando ou jogando, embora mais recente, é farta⁶⁸ e permite a leitura das infâncias do decorrer do século XX e XXI. Dentre os que se dedicaram ao tema, destaca-se a extensa produção do artista brasileiro Candido Portinari (1903-1962), sendo na figura 2 reproduzida uma dessas obras. A partir das lembranças de uma infância pobre no interior do estado de São Paulo⁶⁹, o artista retrata crianças se divertindo em terrenos baldios, praças e ruas.

68 Sobre a infância na iconografia brasileira, ver Jordão (1979), Khishimoto (1999), Chamel (2004), Soares (2002).
69 São Paulo é o estado brasileiro de maior renda per capita do Brasil.



Figura 2. Portinari, Meninos jogando futebol, (1935)

Portinari faz referência aos diversos espaços ociosos das cidades nas primeiras décadas do século XX como os principais lugares para brincar. Vários autores⁷⁰ destacam esses locais públicos como importantes referências espaciais para as crianças, pois possibilitavam encontros marcados por normas de convívio social que eram traçadas pelos próprios grupos no desenrolar das atividades. Nesses encontros, funções e ações das mais diversas ordens, como organizar, liderar, subordinar-se ou transgredir as regras, eram (re)produzidas e (re)inventadas pelas próprias crianças. Portanto, os espaços ociosos configuravam-se enquanto importantes locais para trocas de experiências culturais, para o exercício do direito à cidadania e para a constituição das crianças.

Na arte catarinense tais imagens estão presentes nos quadros de Hiedy de Hassis Corrêa (1926-2001). Dentre várias obras desse artista, a figura 3 apresenta crianças brincando em uma praça (figura 3) de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina



Figura 3. Praça, da Série Respeitável Público (s.d.), Hiedy de Hassis Corrêa

70 Sobre o tema, ver Fernandes (1979) e Silva et al. (1989).

Estas cenas de crianças em espaços ociosos em Florianópolis constituem lembranças das próprias infâncias dos pintores e da cidade que ora não mais conhecemos. Afinal, as mudanças culturais e principalmente estruturais das últimas décadas do século XX e início do século XXI, decorrentes do processo de organização arquitetônica promovido pela racionalização dos padrões espaciais, afetaram as grandes cidades e instituíram modos de vida outros para seus habitantes. Esse movimento de construção de casas, escolas, hospitais, fábricas, centros comerciais e *shoppings centers* reestruturou e eliminou espaços, visando restringir a suburbanização e substituí-la pelo desenvolvimento planejado (HARVEY, 1993).

O processo de exclusão das classes sociais menos favorecidas sócio-economicamente das áreas "mais nobres" dos centros urbanos e a crescente ampliação da privatização de locais antes de domínio público são formas eficientes de exclusão social. Esse movimento encerra as classes médias em espaços fechados e protegidos da violência urbana, mas não faz pelas classes sociais menos favorecidas nada além de ejetá-las para outros locais sem infra-estrutura para habitação, como saneamento básico, e muito menos para atividades culturais e de lazer.

Assim, as crianças dessas classes sociais cada vez mais ficam expostas às situações de risco e violência para poderem brincar. Os próprios meios de comunicação de massa destacam que as crianças atualmente têm utilizado as lajes das coberturas de casas e as ruas movimentadas para essa atividade⁷¹. Tal situação é destacada por Costa (2002) que, pautando-se nos dados do Censo Demográfico de 2000, declara que as 23,4 milhões de crianças entre 6 e 12 anos, que representam 13,8% da população brasileira, estão privadas das ruas, calçadas e praças, locais privilegiados para as brincadeiras na época em que os artistas brasileiros aqui retratados viveram suas infâncias.

Já as crianças das classes sociais mais abastadas são cada vez mais confinadas em determinados espaços, tais como os *shoppings centers*, as instituições formais e informais de ensino, como as escolinhas de futebol, balé, natação, línguas, computação, vistas como um investimento para a futura inserção no mercado de trabalho, cada vez mais competitivo⁷².

Na Praça Pereira Oliveira, no Centro de Florianópolis/SC, espaço que já foi de encontro tal como os espaços ociosos retratados por Portinari e Hassis (ver figuras 2 e 3) e que ora se transformou em local de passagem de dezenas, quicá centenas de pedestres por dia, o que resta de lembrança dos tempos idos são somente os mosaicos feitos por um autor desconhecido que apresentam imagens de crianças brincando (figura 4).



Figura 4. Mosaicos na Praça Pereira Oliveira. Fotografia de Leila Peters.



71 Sobre esta situação, ver Leite (2002) e Bastos (2005).

72 No Brasil, as crianças estudam em somente um turno, realidade que caracteriza a grande maioria das escolas públicas e privadas. No contra turno, famílias que têm condições financeiras costumam matricular seus filhos em cursos os mais variados, como línguas, esportes ou artes.

Essas imagens revelam mais que lembranças de situações que lá não mais acontecem: revelam a contradição entre o brincar como direito resguardado por lei para as crianças e o fato de que estas vêm sendo privadas de espaços públicos para tal. Diante dessa realidade, resta-nos perguntar: que espaços há hoje em dia para as crianças brincarem? Onde as crianças brincam, por quanto tempo e do que estão brincando?

As obras da artista catarinense Jandira Lorenz (1947-) e a artista gaúcha Andréa Honaiser (1964-), lembram que, apesar das limitações espaço/temporais, as crianças reconstroem as condições para o brincar a partir das lacunas deixadas pelos adultos.

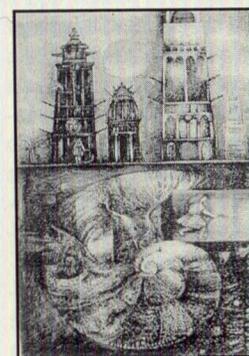


Figura 5. Menina com arco (s.d.), Jandira Lorenz

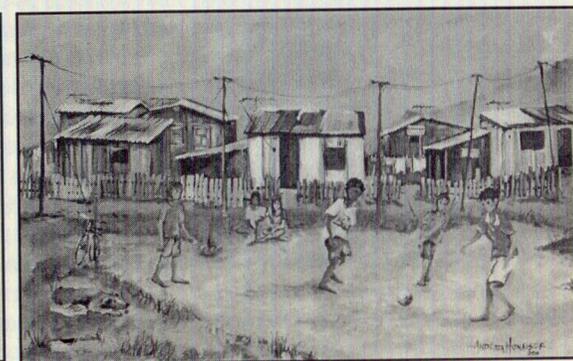


Figura 6. Futebol de rua, Andréa Honaiser

As figuras 5 e 6 revelam os espaços que as crianças instituem hoje em dia como lugares para brincar, junto às construções, ao colorido e aparente desordenado movimento das periferias, ou então do cinza da região central das grandes cidades. Consoante com os artistas, Walter Benjamin (2002) destaca que as crianças transgridem a ordem/realidade ao brincar, sendo os restos e as sobras residuais das cidades consideradas como as matérias-primas de suas brincadeiras. Assim, elas fazem "história do lixo da história".

O enfoque histórico-cultural em psicologia considera essa dimensão transgressiva da atividade humana ao afirmar que a característica demarcadora da experiência de toda e qualquer pessoa é sua dimensão inventiva: ao se referir à infância, destaca que a criança, ao brincar, ao mesmo tempo reproduz aspectos da realidade e os transgride de forma criativa.

Ao falar sobre a imitação nos jogos infantis, Vygotski explicita essa complexa relação entre imaginação e realidade, objetivada na atividade infantil:

São estes [os jogos infantis], com frequência, mero reflexo do que vêem e ouvem dos maiores, mas tais elementos de experiência alheia não são nunca levados pela criança a seus jogos como eram na realidade. Não se limitam em seus jogos a recordar experiências vividas, pois as reelaboram criativamente, combinando-as entre si e edificando com elas novas realidades consoantes com suas aficções e necessidades (VYGOTSKI, 1990, p. 12).

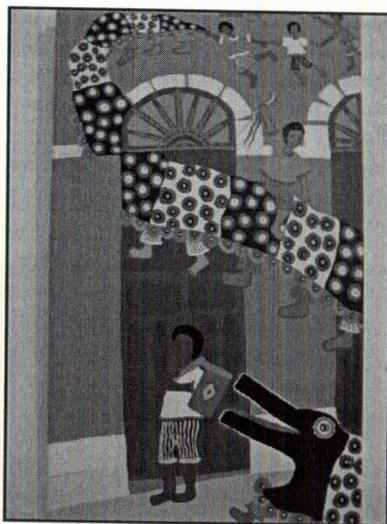


Figura 7. Vida de Engraxate, (2006), da série "Brincadeiras de Crianças e outras histórias", Tolentino Santa'nna

gendradas por diferentes pessoas, em contextos e condições variadas, o projeto "Pintar um futuro", organizado pela artista plástica holandesa Hetty Van der Linden (1951-)⁷⁴ reúne, anualmente, na região de Florianópolis, um grupo de artistas internacionais e locais. A partir de desenhos dos sonhos feitos por crianças de comunidades de baixa renda, recriam-se esses mesmos desenhos em obras de arte que, ao serem vendidas, podem vir a realizar os sonhos dessas crianças⁷⁵.

Nesse projeto, o desenho da criança e a pintura do artista, têm a possibilidade de se fundirem numa mesma obra, como podemos observar na pintura de Maurício Muniz (1956 -).

A obra de Tolentino Santa'nna (1966 -) reproduzida na figura 7 expressa esse movimento: crianças brincam com uma Bernunça⁷³, em suas fantasias, objetivadas pelo artista, cavalgam e voam nessa personagem imaginária.

Porém, embora essa dimensão transgressiva/inventiva seja característica da atividade humana, necessário se faz considerar que a criação de uma ou outra pessoa, aqui e acolá, por si só não é suficiente para produzir uma nova existência quando se trata da dura realidade na qual se encontra grande parte da população infantil. Políticas públicas, transformações sociais de ampla magnitude, invenção de outros modos de produção a balizarem a existência em sociedade: essas são as mudanças radicais que poderão efetivamente transformar a realidade retratada por Tolentino.

Mudanças radicais, se imprescindíveis, são por sua vez complexas, e difícil é ficar esperando que aconteçam. Acreditando que essas mudanças são germinadas em pequenas ações cotidianas, que podem ser en-



Figura 8. Pintar um Futuro (2007), Maurício Muniz

Sobre a condição da infância contemporânea: à guisa de conclusões

A consagração do conjunto de direitos relativos às crianças de todos os países do mundo, visando torná-las sujeitos de direito, não garantiu, é preciso reconhecer, uma melhoria substancial nas suas situações e no seu direito de brincar. É possível essa afirmação posto que não cessam de se intensificar os indicativos de que esse grupo etário é o mais sujeito a situações de opressão e de aviltamento de suas condições de vida, em países de todo planeta e, em especial, nas nações do chamado terceiro mundo.

Apesar dessa realidade, assistimos hoje a iniciativas como a anteriormente referida e exemplificada na obra representada na figura 8. Estando a obra da criança e do adulto juntas e resultantes de uma iniciativa para pintar um futuro a partir de ações conjuntas no presente, as crianças são efetivamente consideradas como co-participantes engajadas num projeto que tem como horizonte a humanização e a reinvenção da cultura. Assim, crianças e adultos têm a oportunidade de juntos lerem o mundo, escrever suas histórias, expressar-se e re-criar sua própria existência.

Se buscamos o caminho que compreende as crianças como protagonistas da produção cultural, é possível identificá-las em processo de criação-recriação de si, do outro e do mundo a partir do conjunto de experiências que lhes são possibilitadas e que acontecem na apropriação singular dos bens culturais com os quais têm contato direto ou indireto. Nesses bens, por sua vez, se expressam os saberes, as expectativas e as tentativas de intervenções adultas que recaem sobre as mesmas, e são permanentemente re-elaboradas pelas crianças. Nesse movimento, sabiamente, elas nos abrem a possibilidade de também as significarmos e ao mundo a partir de um novo olhar: o olhar inquieto de quem enxerga as lacunas e a partir delas se lança na aventura de criação de um novo.

Para finalizar, trazemos uma última reflexão sobre as relações entre obra de arte e realidade que balizaram as discussões sobre infância neste texto. Com o acabamento que o artista imprime à sua obra a partir de seu excedente de visão, possível em razão da posição exotópica que assume em relação à criança que retrata - o personagem que (re) cria -, abrem-se possibilidades de leituras várias dessa obra. Afinal, o leitor, ao estabelecer relações entre o que vê e sente, recria o próprio personagem e a própria obra (BAKHTIN, 2003). O acabamento da obra abre, portanto, possibilidades para leituras várias e alça o leitor à condição de co-autor.

No caso do mundo da vida, como diz Bakhtin (s/d), a condição humana é oposta à do personagem, pois a característica fundamental é a incompletude: não podemos nos ver como totalidade, jamais somos capazes de excedente de visão em relação a nós mesmos, o que nos torna axiologicamente dependentes de um outro que nos dê acabamento. Somos, pois, sujeitos que se constituem na relação com outros e a partir de seus olhares⁷⁶. Se nos completamos (provisoriamente) a partir do olhar desse outro, isso evidencia que somos, como as crianças, igualmente uma obra em aberto e infinitamente cheios de possibilidades.

73 Bernunça é uma das personagens do folclore ilhéu conhecido como Boi de Mamão, um tipo de serpente gigantesca confeccionada com papel machê e com corpo de tecido.

74 Para maiores informações, consultar o site: <http://www.hettyvanderlinden.com/theproject.php>. E para apreciar as obras de 2008, ver: http://www.youtube.com/watch?v=BOG_Z5Nnepk.

75 Temáticas como o brincar, a vontade de ter brinquedos, de ter uma boa casa para morar, de ser feliz e de viver com paz são recorrentes nos desenhos das crianças.

76 Sobre alteridade, ver Zanella (2005).

REFERÊNCIAS

- ARIÉS, Philippe. *História social da infância*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- BAKTHIN, Mikhail Mikhailovitch. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BASTOS, Ângela. *Criança se expressa pelas brincadeiras: menos ruas e mais brinquedotecas*. Diário Catarinense, 24 de maio de 2005.
- BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. Tradução: Marcus Vinícius Mazzari. São Paulo: Duas Cidades, 2002.
- BRASIL. CONVENÇÃO SOBRE OS DIREITOS DA CRIANÇA. Adotada pela resolução n. L. 44 (XLV) da Assembléia Geral das Nações Unidas, em 20 de novembro de 1989 e ratificada pelo Brasil em 20 de setembro de 1990.
- _____. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Lei 8.069/90, de 13 de julho de 1990. São Paulo: CBIA, 1991.
- BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedos e companhia*. São Paulo: Cortes, 2004.
- CHAMEL, Loïc. Imagens de crianças e crianças nas imagens: representações da infância na iconografia pedagógica nos séculos XVII e XVIII. In: *Educação e Sociedade*. Campinas, v. 25, n. 86, abr/2004. p. 57-74.
- COSTA, Carolina. Entre quatro paredes. *Educação*, ano 28; n.250, fev/2002. p.45-53
- FERNANDES, Florestan. *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. Petrópolis:Vozes, 1979.
- HARVEY, David. *A condição da Pós-modernidade: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- JORDÃO, Vera Pacheco. *A imagem da criança na pintura brasileira*. RJ: Salamandra, 1979.
- KISHIMOTO, Tisuko Morchida. A imagem da criança e seus jogos na pintura brasileira. In: *Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação*. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- LEITE, Fabiane. *Laje é área de lazer e armadilha: queda dessas estruturas é uma das principais causas de internação e mortes de crianças em SP*. Folha de São Paulo, 27 de janeiro de 2002.
- MAHEIRIE, K. Processo de criação no fazer musical: uma objetivação da subjetividade a partir dos trabalhos de Sartre e Vygotsky. *Psicologia em Estudo*, Maringá- PR, v. 8, n. 2, 2003. p. 147-153.
- PIACENTINI, Telma Anita. Fragmentos de imagens de infância. 1995. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da USP, São Paulo, 1995.
- PINO, Angel. A produção imaginária e a formação do sentido estético. Reflexões úteis para uma educação humana. *Pro-Posições* (Unicamp), v. 1, 2006. p. 47-70.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, B. (Org.). *Crianças e miúdos: perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação*. Porto: Edições ASA, 2004. p.9-34.
- SARMENTO, Manuel Jacinto e PINTO, Manuel. *As crianças: contextos e identidades*. Portugal: Editora Universidade do Minho, 1997.
- SILVA, M.A.S.S., GARCIA, M.A.L. & FERRARI, S.C.M. *Memória e brincadeira: na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX*. SP: Cortez, 1989.

- SOARES, Carmen Lúcia. *Imagens da educação do corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX*. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.
- SOARES, Natália Fernandes. Direitos da criança: utopia ou realidade? In: PINTO, M. & SARMENTO, M. J. (Org.) *As crianças - contextos e identidades*. Portugal: Universidade do Minho, 1997. p. 77-110.
- SOUZA, Tânia Conceição Clemente de. A análise não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação. In: *RUA: Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da UNICAMP - NUDECRI*. Campinas, SP, n.7, março 2001.
- VASQUEZ, Adolfo Sanchez. *Convite à estética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- VYGOTSKI, L.S. *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- VYGOTSKI, L. S. *La imaginacion y el arte na infancia*. Madrid: AKAL, 1990.
- WEINMANN, Amadeu de Oliveira. Dispositivo: um solo para a subjetivação. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre/RS, v.18 (3), set/dez 2006. p.16-22.
- ZANELLA, Andréa Vieira. Sujeito e alteridade: reflexões a partir da psicologia histórico-cultural. *Psicologia e Sociedade*, Porto Alegre/RS, v. 17, n.1, jan/abr, 2005. p. 99-104.
- _____. Pode até ser flor se flor parece a quem o diga: Reflexões sobre educação estética e o processo de constituição do sujeito. In: DA ROS S. Z.; ZANELLA A. V.; MAHEIRIE K. (Org.) *Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e/em experiência*. Florianópolis: Editora da UFSC: NUP/CED/UFSC, 2006. p. 33-47.
- ZANELLA, A. V.; REIS, A. C. DOS; CAMARGO, D.; MAHEIRIE, K.; FRANÇA, K. B.; ROS, S. Z.da. Movimento de objetivação/subjetivação mediado pela criação artística. *Psico-USF*, São Paulo, v. 10, n. 2, 2005. p. 191-199.
- ZANELLA, A.V.; BALBINOT, G.; PEREIRA, R. S. A renda que enreda: analisando o processo de constituir-se rendeira. *Educação & Sociedade*, Campinas - São Paulo, v. XXII, n. ano XXI, 2000. p. 235-252.
- Sites consultados:
<http://www.hettyvanderlinden.com/theproject.php>
http://www.youtube.com/watch?v=BOG_Z5Nnpek
<http://www.wga.hu/frames-e.html?/html/b/bruegel/pieter>
<http://www.portinari.org.br/candinho/index.htm>
<http://www.tino.cjb.net/>
<http://www.andreahonaiser.com.br/galeria/galerias.htm>
<http://www.oktiva.net/oktiva.net/1321/nota/17009>
<http://www.fundacaohassis.org.br/>